

Danças que importam: Anna Halprin e sua aproximação com a natureza

Marina Souza Lobo Guzzo

Universidade Federal de São Paulo
São Paulo, SP, Brasil

marina.guzzo@unifesp.br

orcid.org/0000-0002-9978-4014

Resumo | Esse artigo pretende se aproximar da trajetória da artista da dança Anna Halprin a partir de suas danças com a natureza. A partir de trechos da trajetória da artista, algumas de suas obras e publicações sobre a temática, o texto cartografa uma importante referência para pensar o papel da dança e das artes do corpo diante de questões contemporâneas vividas pelo novo regime climático, propondo aproximações entre a dança e o cuidado, incluindo as práticas ecossomáticas para ativar experiências sensoriais que nos façam recordar da nossa conexão com a Terra.

PALAVRAS-CHAVE: Dança. Natureza. Anna Halprin.

Dances that matter: Anna Halprin and her approach to nature

Abstract | This article aims to approach the trajectory of dance artist Anna Halprin based on her dances with nature. Based on excerpts from the artist's trajectory, some of her works and publications on the subject, the text maps an important reference for thinking about the role of dance and body arts in the face of contemporary issues experienced by the new climate regime, proposing approaches between dance and care, including eco-somatic practices to activate sensory experiences that remind us of our connection with the Earth.

KEYWORDS: Dance. Nature. Anna Halprin.

Danzas que importan: Anna Halprin y su acercamiento a la naturaleza

Resumen | Este artículo pretende abordar la trayectoria de la artista de danza Anna Halprin a partir de sus danzas con la naturaleza. A partir de extractos de la trayectoria de la artista, algunas de sus obras y publicaciones sobre el tema, el texto trae una referencia importante para pensar el papel de la danza y las artes corporales frente a las problemáticas contemporáneas vividas por el nuevo régimen climático, proponiendo enfoques entre danza y cuidado, incluyendo prácticas eco-somáticas para activar experiencias sensoriales que nos recuerden nuestra conexión con la Tierra..

PALABRAS CLAVE: Danza. Naturaleza. Anna Halprin.

Enviado em: 29/10/2023
Aceito em: 12/12/2023
Publicado em: 14/12/2023

"O corpo não se move no espaço e no tempo, ele cria espaço e tempo: não há espaço nem tempo antes do movimento"
(MANNING, 2023, p. 14)



Figura 1 - Fotografia de Eeo Stubblefield, da performance "Still Dance with Anna Halprin, Underworld Series n. 27". Em A. Thomas' "Stillness in Nature: Eeo Stubblefield's Still Dance with Anna Halprin". New York, Palgrave Macmillan, 1999.

1. Arte e cuidado em um planeta doente

Este artigo¹ propõe pensar as práticas artísticas como maneiras de aproximação da natureza, e relacionar, a partir da trajetória de Anna Halprin, as práticas ecossomáticas para ativar experiências sensoriais que nos façam recordar da nossa conexão com a Terra. Desta maneira, o texto pretende ampliar possíveis e impossíveis aproximações entre arte e cuidado - num contexto ampliado - onde o entendimento de saúde e bem-viver se conectam com o território, os mais que humanos² e o planeta. Importante destacar o estatuto das imagens no texto: elas também contam sobre o trabalho de Halprin, narrando

¹O título desse artigo é uma referência ao título do último livro de Anna Halprin, em parceria com Rachel Kaplan (2019), "Making Dances that matter: resources for community creativity.

²Uso esse termo para seguir em acordo com Maria Puig de la Bellacasa (2023), indicando uma especulação de um mundo onde as relações com objetos, plantas, fungos, seres vivos e mortos, espíritos e seus emaranhados.

para além das palavras o argumento deste artigo: que a arte pode ser uma importante forma de atenção e cuidado diante de tempos de catástrofe (STENGERS, 2015).

Antropoceno (CRUTZEN, 2002) ou também Cthuluceno (HARAWAY, 2023), Capitoloceno (MOORE, 2006), Piroceno (PYNE, 2022), Plantationoceno (TSING, 2021), Plantoproceno (MYERS, 2022). Muitos são os nomes que se referem às crises que estamos vivendo na contemporaneidade, com apontamentos para imaginação de futuros. Uma crise que é social, política, econômica, humanitária e, sobretudo, climática. O consenso que temos é que está em curso uma situação que evidencia a emergência ecológica do planeta relacionada aos eventos extremos do clima e da forma de resposta da natureza à ação da destruição. Esta é sobretudo uma questão política, pois envolve formas de produzir, viver e morrer. Malcom Ferdinand (2022) propõe duas imagens, que fornecem modos distintos de existir diante da crise ecológica: uma é a imagem da Arca de Noé e a outra a imagem dos Navios Negreiros. São dois finais diante do mar: no entanto, um modo de existir e sentir que parte da ideia de salvação - salvam-se alguns poucos e escolhidos; e outro, da ideia de que teremos que reconstruir mundos para que possamos seguir vivendo - sentir-nos como "quilombos" (NEGO BISPO; MAYER, 2020), "assembleias polifônicas" (TSING, 2019), "misturas" (COCCIA, 2018), para, assim, nos entrelaçarmos e construirmos condições para viver nas ruínas das *plantations* de paisagens e ecologias simplificadoras (TSING, 2019).



Figura 2 - Anna Halprin "Lunch", por Michael Alexander (ALEXANDER, 2014).

Nesse sentido, é interessante pensar como a dança ou as práticas ecossomáticas podem nos ajudar a estabelecer a atenção necessária para aproximar-nos de uma conexão

com a Terra. A escolha de Anna Halprin para pensar essas questões se dá primeiramente pela proximidade da autora com seu trabalho e suas criações. E, em segundo lugar, pela importância histórica de olhar para o que já foi feito nesse sentido, apontando futuros diante da complexidade da crise que vivemos. Halprin soube se aproximar de questões políticas e sociais e das práticas da natureza de maneira muito consistente, aproximando o movimento, a consciência corporal com o mundo natural, as árvores e as paisagens, sem abandonar a complexidade das ações humanas, emaranhadas nessa realidade. A dança, para ela, era a maneira de estarmos conectados ao mundo que nos cerca. E era a partir da dança que ela proporcionava a muitas pessoas que pudessem também fazer essa aproximação.

Poucos artistas de dança foram tão influentes quanto Anna Halprin. Nas suas dez décadas como bailarina, ela redefiniu a forma de arte, abandonando convenções e abraçando o amplo campo aberto da expressão criativa. Ela trouxe o poder de cura da criatividade incorporada para pessoas de todo o mundo. (trecho de seu obituário) (ANNA HALPRIN, 2023, tradução minha)³

Anna Halprin dançava para se aproximar da natureza, dentre muitas outras propostas. Ela nasceu em 1920 em Winnetka, Illinois, nos Estados Unidos. Morreu em 2021, com 100 anos. É uma das fundadoras do que conhecemos como Movimento da Dança Pós-Moderna Americana, junto com Steve Paxton, Yvonne Rainer, Trisha Brown, Simone Forti e tantos outros (ROSS, 2007). Começou a dançar ainda na infância e, em seu crescimento profissional, teve muitos encontros que determinaram uma série de questionamentos e "[...] de desestabilizações rumo a práticas criativas que celebram a diferença" (BERSELLI; SOLDERA, 2022, p. 1).

Nos anos de 1950, cria seus primeiros laboratórios de improvisação, o que passa a ser uma das metodologias que desenvolve ao longo da vida para suas criações artísticas comunitárias. Nesse período, estabeleceu-se em Marin County, Califórnia, onde construiu, ao lado do companheiro Lawrence Halprin (RYDER, 2014) - que era arquiteto -, o Mountain Home Studio (HALPRIN, 2000), local que abriga o famoso deck de suas obras conhecidas como "The branch" (ver figura 3). Anos mais tarde, fundou em 1978 o Tamalpa Institute⁴, um centro de formação de seus métodos e técnicas, com sua filha Daria Halprin, que sistematiza e forma profissionais a partir de integrações entre arte, terapias pessoais e trabalhos sociais. O trabalho de Halprin é referência para a história da dança e tem grande

³No original: "Few dance artists have been as influential as Anna Halprin. In her ten decades as a dancer, she has redefined the art form, abandoning conventions and embracing the wide open field of creative expression. She has brought the healing power of embodied creativity to people around the world" (ANNA HALPRIN, 2023).

⁴Para mais detalhes sobre o Tapalpa Institute, visite: <https://www.tamalpa.org/>.

relevância para nos ajudar a aproximar as artes do corpo e da dança das práticas na natureza e de cuidado, necessárias para o presente diante do Antropoceno e seu novo regime climático. A artista aproximou, a partir de seu trabalho de educação, os movimentos cotidianos das práticas de consciência corporal e ambiental. Para ela, dançar era entendido como experimentar o mundo a partir do corpo e, portanto, experimentar outras formas de relação.

A dança nos coloca em relacionamento uns com os outros e com o meio ambiente, alcançando as profundezas do nosso ser e refletindo esse conhecimento de volta para nós. A dança é uma força imediata, direta e poderosa que ultrapassa a discussão, o argumento e a diferença. Todos nós respiramos; nossos corações batem; precisamos de ar e água para viver; nós amamos; sofremos - tudo através do veículo do nosso corpo sagrado (HALPRIN; KAPLAN, 2019, p. 3, tradução minha)⁵.



Figura 3 - Anna Halprin, A. A. Leath e Simone Forti em Anna Halprin's "The Branch", por Warner Jepson, 1954 (ANNA, S.d).

O documentário lançado em 2009, *Breath Made Visible*⁶ (BREATH, 2012), foi produzido e dirigido pelo cineasta Ruedi Gerber e conta com belíssimas imagens do trabalho

⁵No original: "Dance puts us into relationship with one another and our environment, reaching into depths of our beings and reflecting this knowledge back to us. Dance is an immediate direct, and powerful force that bypasses discussion, argument, and difference. We all breathe; our hearts beat; we need air and water to live; we love; we suffer - all through the vehicle of our sacred body" (HALPRIN; KAPLAN, 2019, p. 3).

⁶ Em português: "Respiração tornada visível" (BREATH, 2012, tradução minha). Disponível online em: <https://vimeo.com/277160978>.

da artista (algumas utilizadas nesse artigo). Em alguns trechos do filme, temos a própria artista falando sobre consciência, dança, amor, saúde e cuidado. "Meu maior amor é dançar no mundo natural", diz ela logo no começo, "os pássaros dançam, as nuvens dançam, tudo está em movimento" (trecho do documentário *Breath Made Visible*). Além da relação com a natureza, o documentário nos apresenta o importante papel de Anna Halprin como operadora social de um mundo em transformação (GUZZO; ALVES, 2021). A dança é, para a artista, uma conexão com a própria vida e sua intenção principal sempre foi criar danças que possam mudar e afetar as pessoas, os contextos sociais e as culturas vivas (HALPRIN; KAPLAN, 2019). Todo o trabalho e vida foram sustentados pela ideia de que criar danças são formas de "catalisar mudanças sociais" (HALPRIN; KAPLAN, 2019, p. 7), criadas coletivamente, mas que partem de um processo individual de escuta, cuidado, consciência e delicadeza.

Mas do que a dança cuida? Ou como ela pode cuidar? Puig de la Bellacasa (2017) nos ajuda a pensar que não existe apenas um circuito de produção com o qual dialogar quando falamos sobre cuidado. O termo cuidado é entrelaçado a muitas questões, significa muitas coisas e articula campos de estudos variados, que nem sempre dialogam entre si. Ou seja, ao abrir essa aproximação entre dança e cuidado, abrimos muitas perspectivas e caminhos possíveis. O cuidado deve ser analisado, sempre, nas suas relações, agenciamentos e propostas. Essa multiplicidade do cuidado nos faz menos perguntar "o quê" do cuidado (o que ele é, o que deixa de ser) para pensar sobre como ele é feito, quem o realiza, por que o faz e, mais do que isso, quem "se importa" (MOL, 2008; PUIG DE LA BELLACASA, 2017).

Nesse artigo, quem nos dá essa guia é a artista Anna Halprin. Para ela, essa relação (dança e cuidado) é desenvolvida ao longo de muitos anos de prática artística e educacional e vai se construindo também a partir das próprias experiências de saúde, sofrimento e da história pessoal da artista. A perspectiva de dançar e cuidar acontece em seu trabalho porque a dança, para Anna Halprin, engaja muitas possibilidades expressivas, a começar pelo corpo, o movimento, e em seguida o desenho, a escrita, a voz, a sua integração com a natureza (HALPRIN, 2000). Ao expressar, imaginar com o corpo, ao mover mundos internos e externos, dançar com as plantas, com a terra, com as águas, as montanhas e, principalmente, dançar com os outros, estamos propondo maneiras de cuidar. A maneira como dançamos é também uma maneira de colocar o corpo em relação com o espaço, com o tempo, com o outro. Dança pode ser, portanto, uma forma de cuidado. Um recorte de experiência que "escreve no tempo" uma determinada forma de relação. Nesse sentido, a dança proposta por Anna Halprin destacava essa possibilidade, de *Ethos* em

relação ao que se faz dançando - com foco no processo, na expressão e na emergência mais do que um produto ou resultado artístico - embora isso esteja também dentro da proposta (HALPRIN, 2003).



Figura 4 - Anna Halprin e um artista homem em "Intensive Care, Reflections on Death and Dying", por Andy Mogg, 2000s (ANNA, S.d).

2. Dançar a saúde física, emocional, espiritual.

Um fato marcante na trajetória de Halprin foi seu adoecimento por conta de um câncer em 1972 (HALPRIN, 2000). Ela decidiu dançar para se curar. Em seu livro "Returning to Health: with dance, movement and imaginary" (HALPRIN, 2000), a artista detalha a aproximação da dança com a possibilidade de curar-se ou cuidar-se. Faz uma distinção importante entre as palavras "curing" e "healing" - que em português fica sem distinção em palavras específicas, mas que estão no campo do "curar" /"sanar". Diferencia variadas dimensões da saúde, no sentido de que existe a cura que elimina a doença do corpo físico (*cure*) e a cura que opera numa dimensão emocional, mental e espiritual, que ocorre também com a dimensão física (*heal*). O trabalho físico e emocional/ espiritual para curar é fundamental e necessário para "expandir e estender a vida" (HALPRIN, 2000, p.15).

Ao partilhar sua experiência com o câncer, no livro, Halprin apresenta como a dança foi eixo estruturante do seu processo de curar/curar (*cure/heal*) - que é o ideal no processo de restauração de um estado de saúde. Entende que ser "curada clinicamente" e ser "curada verdadeiramente" não são a mesma coisa. Ela sugere que devemos passar por algum outro tipo de processo. Para dançar através da doença, é preciso primeiro abraçá-la e só então,

a partir das dores que o próprio adoecimento causou, podemos encontrar outra maneira de encontrar possíveis curas. Ela dedicou muitas performances e procedimentos para a aproximação entre dança e saúde, assim como uma sistematização de exercícios e técnicas para enfatizar a expressão e o movimento para o cuidado (HALPRIN, 2000).

Também, em muitas de suas obras artísticas, a participação do público (mesmo sem experiência artística) era fundamental para seu trabalho. Um exemplo é a performance Blank Placard Dance (1970, ver figura 6), que aconteceu nas ruas de São Francisco e convidou as pessoas da cidade, os participantes e interessados, a fazer declarações de protesto nos cartazes que estavam em branco. Nessa performance, um grande Laboratório de Expressão dos Desejos das Pessoas era compartilhado a partir da performance. Nesse sentido, a ideia de cura e cuidado se aproximava de ações políticas e movimentos presentes na cidade, que de certa maneira, estavam escondidos no cotidiano ou nos protocolos já habituados para espaços onde são feitos esse tipo de questionamento e expressão.

No seu conjunto, o trabalho de Halprin surge como um lugar onde a coreografia corporal atua como um meio de trabalho social para dançarinos e membros da comunidade. Quando a comunidade participa das apresentações e oficinas, uma chave feminista de estratégia de cuidado parece envolver seu trabalho e a maneira de aproximar arte e vida (LERNER, 2022).



Figura 5 - "Ceremony of Us' Publicity Flyer", estrelando Anna Halprin, San Francisco Dancers' Workshop e Susan Landor. (ANNA, S.d)

É necessário ampliar uma compreensão de cuidado como prática de responsabilidade, acolhimento e atitude frente aos processos sociais e individuais, incluindo

aí perspectivas não-humanas também. Nesse sentido, o autocuidado - assim como é o cuidado - deve ser pensado como conhecimento tácito, ou seja, que acontece como processo de socialização, de uma prática pessoal coletivamente construída, fruto de experiência, convivência e transmissão complexa, ensinadas em instituições de ensino desde muito cedo, principalmente por mulheres em situações subalternas. Isso já acontece e, muitas vezes, é chamado pelo feminismo negro de reconhecimento e atenção à ancestralidade.

Quando entramos em contato com nossa ancestralidade, com a consciência não europeia de vida como situação a ser experimentada e com a qual se interage, aprendemos cada vez mais a apreciar nossos sentimentos e a respeitar essas fontes ocultas do nosso poder - é delas que surge o verdadeiro conhecimento e, com ela as atitudes duradouras (LORDE, 2020, p. 46)

Outras experiências feministas também falam sobre a importância de cuidado e autocuidado para ativistas. Na publicação *Cuidado entre ativistas tecendo redes para a resistência feminista*, Guacira Oliveira e Jelena Dordevic (2015) propõem o cuidado e o autocuidado como um tipo de intervenção política para lidar com situações difíceis no cotidiano de quem trabalha com a tarefa de cuidar e transformar as formas de acolhimento. O autocuidado e o cuidado são vistos como um "[...] caminho para interpelar o individualismo, o sexismo, o racismo e outras formas de discriminação que interiorizamos e que continuam nos oprimindo dia após dia" (OLIVEIRA; DORDEVIC, 2015, p. 17).

Importante incluir a consciência de que essas mulheres, com essa ancestralidade, dizem respeito a todos nós. Enquanto o processo de exploração e violência do corpo de mulheres negras continua no *Plantationocene* (HARAWAY, 2016), nós sofreremos o impacto também nos nossos corpos brancos e privilegiados: no planeta, tudo está conectado. A crise climática é também uma crise de cuidado, de autocuidado: um sentido que extrapola nosso corpo individual e humano e atinge outros seres e o próprio corpo planetário.



Figura 6 - "Blank Placard Happening", performance de San Francisco Dancers e Anna Halprin. California, 1967.

3. Circle the Earth / Circule a Terra

Circle the Earth/ Circule a Terra foi um ritual de dança criado pela artista para responder a uma série de 6 assassinatos de mulheres que aconteceram entre os anos 70 e 80 no Monte Tamalpais, perto de sua casa, na Califórnia. A ideia surgiu durante um workshop chamado 'Uma busca por mitos vivos e Rituais', onde os participantes sugeriram uma ação que cuidasse da recuperação da montanha (LEVEY, 2017). Esse ritual, chamado "In and On the Mountain" (Dentro e fora da Montanha), foi apresentado ao longo de vários dias e incluiu uma caminhada pelas trilhas onde ocorreram os assassinatos. Poucos dias depois das apresentações, o assassino foi preso (PLANETARY, 2010).



Figura 7 - "Circle of objects as part of Anna Halprin's 'Circle the Mountain'", por Unknown, 1985 (ANNA, S.d).

Inspirada por esse fato, e também pelas palavras de um Xamã que confidenciou para a artista que aquela montanha precisava ser curada, Anna Halprin continuou ativando aquela dança coletiva uma vez por ano, durante cinco anos. Ao começar a viajar para outros territórios e compartilhar com outros grupos essa história, organizou então, uma outra performance coletiva que denominou de "Circle Earth", em português "Circule a Terra" (tradução minha).

O objetivo deste trabalho era que ele funcionasse como uma expressão de intenção, de cada participante e do grupo como um todo, de incentivar a saúde e a paz em todo o mundo (EARTH ALIVE, 2010). *Circle the Earth/ Circule a Terra* consistia em uma série de 'Scores'⁷ que cada grupo poderia desenvolver em seu próprio território. O "Score" final da performance *Circle the Earth*, chamava-se *Earth Run/ Corrida da Terra*, e pedia aos participantes que corressem uma série de círculos concêntricos, criando um movimento de mandala. Antes de entrar nesta dança, cada pessoa precisava fazer uma declaração dedicando sua performance a isso. "Eu danço para"... e entrava no grande círculo. A partir disso, foi criada a *Planetary Dance/ Dança Planetária* (1981-), (HALPRIN; KAPLAN, 2019, p. 162). Essa dança encorajava as pessoas a encontrar maneiras de se expressar juntas e com o planeta. Ela definia como "[...] um ritual comunitário e uma dança global - para

⁷O termo 'partitura', no modelo do processo criativo de Halprin, é emprestado de notação musical e refere-se ao palco no processo criativo que é o plano para a criatividade ação (HALPRIN, 1995, p. 46-51). Uma partitura é, muitas vezes, expressa graficamente e pode variar de 'fechada' (por exemplo, um balé), para 'aberta' (uma completa improvisação) ou qualquer lugar intermediário (LEVEY, 2022).

todas as pessoas, em todos os lugares" (HALPRIN; KAPLAN, 2019, p. 162, tradução minha)⁸. Ela construiu uma dança para ser feita em círculos, propondo passos que seriam como rezas para cura e para a paz. Foi realizada em 46 países ao redor do mundo (ver figura 8 e 9).

Além desse trabalho específico, podemos afirmar que a artista se baseava em três eixos principais para desenvolver suas obras e ações coreográficas: em primeiro lugar que o corpo é um "microcosmo" da natureza; depois, que os processos naturais serviam de guia para o trabalho estético de Anna Halprin; e, em terceiro lugar, a artista entendia a natureza como um espaço de cura (HALPRIN, 1995).

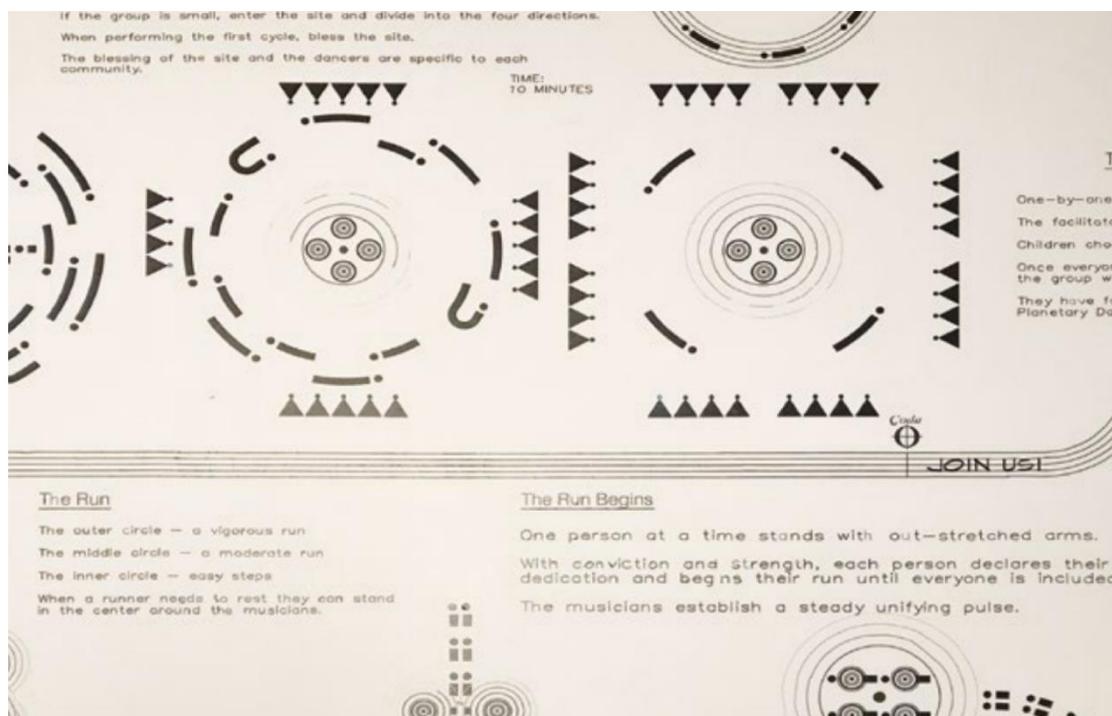


Figura 8 - Parte da imagem "Planetary Dance Score". Veneza: 57th Venice Biennale. Fotografia de Amanda Levey (2022).

⁸No original: "The Planetary dance is both a community ritual and a global dance - it is for all people, everywhere" (HALPRIN; KAPLAN, 2019, p. 162)



Figura 9 - "Planetary Dance"/ Dança Planetária. Online, Tamalpa Institute, S.d.

4. Práticas Ecosomáticas

Em 2022, uma edição especial do Journal of Dance & Somatic Practices (JDSP) (JOURNAL OF DANCE & SOMATIC PRACTICES, 2021) explorou as possibilidades e o impacto das práticas somáticas e estéticas na evolução de uma consciência ecológica incorporada na educação, na terapia, na arte da performance e outras formas de expressão. Com contribuições teóricas e práticas, esse importante veículo de comunicação acadêmica deu visibilidade para os emaranhados interdisciplinares que podem delimitar o que seria uma prática corporal na natureza. Artistas de diversos campos, educadores e profissionais da saúde como psicólogos, terapeutas ocupacionais e educadores físicos, apresentam a diversidade nessa forma de engajamento. Como práticas artísticas somáticas informadas podem oferecer novos modos de pensar, perceber e "ficar com o problema" (HARAWAY, 2023) tão necessários para um devir "planetário" corporificado (MORIN; KERN, 1999).



Figura 10 - Anna Halprin "Tree Series", de "Still Dance". (GALLERY, S.d).

O que podemos definir sobre as práticas ecossomáticas é que elas envolvem um campo de saber que aproxima a filosofia, a ecologia e o conhecimento do corpo, a partir de saberes já organizados pelo campo conhecido como Somática, mas também pela dança. Ou seja, não há uma única maneira de pensar e fazer, mas sim um grande movimento que pretende aproximar conscientemente, artística e poeticamente o corpo da natureza. No entanto, não se trata apenas de uma prática individual, que troca a "sala de ensaio" pela paisagem natural. Trata-se de abarcar uma complexidade do entendimento de que, ao pensarmos ecologicamente, percebemos que não estamos separados do mundo natural. Somos também natureza. Dessa forma, todos os emaranhados de humanos e não humanos e das infraestruturas acabam impactando o nosso corpo e nossa sensibilidade, sobretudo, a nossa capacidade de mover.

Joanne Clavel e Isabelle Ginot (2015) aproximam a Somática da Ecologia a partir do que elas identificam ser uma espécie de parentesco de pensamentos entre as duas áreas de saber. As autoras propõe uma "utopia ecossomática" (CLAVEL; GINOT, 2015, p. 86), ao lançar perguntas para uma Somática que esteja aberta à diversidade humana, mas também ao não humano e uma prática que se dirige ao conjunto dos soma-ecossistemas do mundo do vivo - e não somente ao mercado do bem-estar e da consciência corporal. "Quais mudanças se imporiam à Somática para considerar a questão da relação sujeito-meio para além da troca entre profissional e aluno?" (CLAVEL; GINOT, 2015, p. 97).

Arrisco responder essa pergunta com a referência de Puig de la Bellacasa (2012) que, em seu artigo, traz uma citação de Donna Haraway (2017, p. 137 apud PUIG DE LA

BELLACASA, 2012, p. 198), “nada vem sem seu mundo”. Ou seja, é importante pensar as práticas artísticas e somáticas em consideração às discussões feministas sobre o conhecimento situado, visto que saber e pensar são inconcebíveis sem as relações que também tornam possíveis os mundos com os quais pensamos. Puig dela Bellacasa (2012) reflete, dessa forma, que as relações de pensamento e saber exigem cuidados e, numa perspectiva feminista e situada, que “Cuidar é mais do que um estado ético-afetivo: envolve uma relação material e trabalhos para sustentar mundos interdependentes” (PUIG DE LA BELLACASA, 2012, p. 198, tradução minha)⁹.

Nesse sentido, quando pensamos nas práticas ecossomáticas, não é sobre corpos belos que dançam na natureza em busca de uma utopia de união, mas sim sobre práticas que nos formem sensíveis ao que se passa para além da “sala de ensaio”, dos palcos e do meu próprio corpo. Justamente por isso, as práticas ecossomáticas deveriam assumir a dimensão e o entendimento da complexidade social da crise climática (FERDINAND, 2022), baseando-se numa concepção do cuidado como uma exigência ontológica dos mundos relacionais (PUIG DE LA BELLACASA, 2012).

Ao aproximar a trajetória de Anna Halprin, a ideia de cuidado e natureza com as práticas ecossomáticas, propomos nesse artigo que dançar ou movimentar sempre implica numa exigência de cuidado e atenção, também a partir dessa complexidade social e política. Aproximar, portanto, a artista de uma prática ecológica é aproximá-la também de ecologias feministas, que partem do princípio das diferenças e transformações de valores patriarcais de exploração para a emancipação da vida e das resistências a uma série de opressões e violências às minorias sociais, econômicas e culturais (OJEDA et al, 2022).

Não é possível, portanto, olhar para a delicadeza de sua obra sem pensar na importância da dança em nos engajar em imaginações, sensações, toques e movimentos para formas diferentes de estarmos juntos (de protestar, de correr, de circular, entre tantas outras). A dança inspira autocuidado e cuidado como “processualidade” de aproximação entre o corpo, o espaço, o gesto e o desejo de movimento - também de transformação do mundo relacional. Dentro desta processualidade, pensamos a forma, a posição do corpo, o jeito de se mover, de respirar, de pausar. Escutar, sentir, tocar, perceber são ações necessárias para que a relação ecossomática aconteça.

Anna Halprin sistematizou, com suas obras coreográficas, escritos, ações educacionais e de saúde, uma proposição de um campo de processos onde a dança é forma de voltar a atenção para o corpo e ampliar o olhar para a vida e suas paisagens. Essa

⁹ No original: “Caring is more than an affective-ethical state: it involves material engagement in labors to sustain interdependent worlds,” (PUIG DE LA BELLACASA, 2012, p. 198).

proposição nos ajuda a construir e pensar "com" uma dança que se relaciona com a área da saúde, pensada como experiência estética e somática - um outro saber sobre o corpo - que pode ser um modo de percorrer e investigar as noções de presença, cuidado, comum e política, principalmente com relação à crise climática e as novas exigências que se colocam para todos nós, inclusive artistas.

Uma dança ativadora, portadora de um agenciamento que desenha o acontecimento no corpo, mas também fora dele, movendo-se em novos modos de existência (MANNING, 2019).



Figura 11 - "Sand Series" e "Rock Series" de "Still Dance", por Anna Halprin (GALLERY, S.d)

Anna Halprin nos inspira a pensar numa dança que amplia o olhar para a vida e para o corpo e que se contrapõe às políticas e biopoderes hegemônicos contemporâneos, também impostos aos artistas e às suas produções coreográficas. Uma dança que amplia a noção de corpo, para um corpo coletivo a partir de forças e gestos de encontro. Uma dança proposta para articular possibilidades de novas coreografias, com novos posicionamentos de corpos e instituições, considerando também os momentos em que arte e não-arte se provocam e contaminam, colocando em questão a própria existência de uma separação entre as práticas artísticas e a vida cotidiana (GUZZO; ALVES, 2021). Ainda, este processo é sobre corpos que se percebem, atuam em descobertas e, então, podem se afirmar, se sustentar frente aos convites de regeneração, reconstrução, e principalmente, de invenção movimentada e dançante de uma experiência coreográfica. Podem criar juntos refúgios e alianças para seguir, em luto ou em luta: em um mundo com crises ambientais, sanitárias e sociais, nunca foi tão importante a criação de refúgios físicos e simbólicos (BONA, 2020; GUZZO, 2022). Refúgios para a possibilidade de um corpo que experimenta uma vida potente em sentidos, experimentações e prazeres produzidos por ele mesmo.

5. Imaginar outros fins, com práticas de cuidado

Em outro texto sobre a dramaturgia do presente (GUZZO, 2023), destaco que já sabemos que não há solução para o problema da crise climática. O movimento que se apresenta é de um grande equívoco, principalmente de cuidado e de relação planetária. Coreografias e fluxos de destruição, sofrimento e tragédia. No esgotamento das tentativas de racionalizar o que seria possível fazer diante disso, é preciso imaginar o impossível. Fazer um contrafeito (PIGNARRE; STENGERS, 2005) e lançá-lo ao vento. Uma coreografia que ensaia novas políticas de existência e posiciona humanos e não humanos para experimentar formas radicais de aprender a viver, sentir, saber e, principalmente, mover.

A natureza como protagonista de nosso anseio pela vida - e não como "pano de fundo" separado de nós - algo que Anna Halprin propõe em seu trabalho de maneira muito precisa e preciosa. Sua prática se mostra sem medo ou esperança, mas com consciência de reposicionamento (TSING, 2019) e, por isso, é também uma proposta de transformação. Mudar a posição de corpos no espaço, "dançar" mundos para trazê-los à existência.

Essa "dança" inclui a poética, a estética, a transmutação de valores e ideais. É radical e muito difícil de fazer, sobretudo diante da força do desencanto que se apresenta. O trabalho de Anna Halprin é, no entanto, uma trilha interessante para pensar coreografias para a crise (GUZZO, 2023).

Coreografar a crise, dançar com ela e a partir dela. Com um movimento de corpo espiralado que sempre alcança o outro, que estende a mão, a escuta, a empatia. Como nos lembra Leda Maria Martins (2021), dançar, para muitas culturas não-brancas e ocidentais, pode ser uma forma de rememorar, de voltar, de incorporar. É pelo corpo que se move no tempo que dançamos, “[...] um tempo que não elide as cronologias, mas que a subverte” (MARTINS, 2021, p. 42), um jeito de seguirmos encantados com a potência da vida.

Pensar na arte (e na dança) como um dispositivo para encantar a potência da vida e para a sensibilização, escuta e cuidado e não apenas para imaginar em direção às imagens do sublime apocalíptico, o que resulta em uma arte comovente, mas que está em desacordo com as motivações que buscam aumentar a conscientização sobre o Antropoceno - e não romantiza-lo. É importante manter uma postura crítica em relação às narrativas que se produzem na arte (ANDERSON, 2015) e aqui destaco as práticas ecossomáticas e das artes do corpo, dialogando com o trabalho de Halprin.

Retomo a reflexão sobre o cuidado para o contexto do novo regime climático, ou o Antropoceno (e seus múltiplos nomes), na qual nem sempre falar de cuidado é pensar em algo harmônico e tranquilo - cuidado pode ser uma forma de controle, de hegemonia, de poder patriarcal. Como nos sugere Puig de la Bellacasa et al. (2023), o cuidado é ambivalente e é uma chave importante para a especulação de um mundo mais que humano:

O cuidado é onipresente, inclusive através dos efeitos da sua ausência. Como um sentimento de falta que emana dos efeitos da negligência, ele passa dentro, através, por todas as coisas. Sua falta desfaz, permite que se desemaranhe. Cuidar pode nos fazer sentir bem; também pode nos fazer sentir péssimas. O cuidado pode fazer o bem; também pode oprimir. Seu caráter essencial para os seres humanos e os inúmeros seres vivos faz com que todas sejam suscetíveis a ceder a esse controle. (PUIG DE LA BELLACASA, 2023, p. 109)

Em seu trabalho, Halprin inspira o cuidado em suas três dimensões propostas por Puig de la Bellacasa (2023) – cuidado ofício/trabalho, cuidado afeto/afeições, cuidado ética/política. O trabalho de Anna Halprin cria contextos de imaginação e investigação coletivas acerca do tema da natureza, da nossa relação íntima com o ar, com a terra, com a montanha. O corpo que trabalha e tem como ofício a prática na natureza, o corpo que tem afeto e ama estar no mundo natural e, por fim, o corpo que tem atenção ética e política de sua relação no mundo. Coloca em jogo formas de cuidar que nem sempre são conhecidas: correr em círculos, abraçar galhos, cantar, declarar-se em protestos,

experimentar juntos uma forma de ritual. Com sua arte, propõe o cuidado como a abertura de espaços de "respiro" e invenção.

A partir de suas práticas artísticas propostas por Anna Halprin, que eram também de cuidado, podemos reconhecer as realidades sobre viver e morrer e as formas pelas quais compartilhamos significado e transformamos valores acerca da vida. A arte, dessa maneira, pode ser uma direção possível e concreta na trilha da transformação de questões políticas, como a emergência climática e mudar o valor e as perspectivas das coisas. E nos ajuda a fazer danças que importam.

Agradecimentos

Agradeço à Profa. Dra. Silvia Geraldi pelas sugestões no texto.

Agradeço à Marta Soares pelas aproximações com o trabalho de Anna Halprin.

Referências

ANNA HALPRIN: 100 Years, A Life of Dance. **Tamalpa Institute**, 2023. Disponível em: <<https://www.dancesforanna.org/>>. Acesso em: 25 out. 2023.

ANNA Halprin Digital Archive. **Museum of Performance + Design**, [S.d.; S.l.]. Disponível em: <<https://annahalprindigitalarchive.omeka.net/>>. Acesso em 24 out. 2023

ANDERSON, K. Ethics, ecology, and the future: art and design face the Anthropocene. **Leonardo**, [S.l.] v. 48, n. 4, p. 338-347, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.1145/2810177.2810180>>. Acesso em 25 out. 2023.

BARRY, J.; DORDJEVIC, J. **Que sentido tem a revolução se não podemos dançar?:** fundo de ação urgente pelos direitos humanos das mulheres. Belo Horizonte: Nandyala, 2007.

BERSELLI, M.; SOLDERA, N. Anna Halprin: uma trajetória de desestabilizações rumo a práticas criativas que celebram a diferença. **Revista Aspás**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 54-72, 2022. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/aspas/article/view/214581>>. Acesso em: 23 out. 2023.

BISPO, N.; MAYER, J. Início, meio, início: conversa com Antônio Bispo dos Santos. **Indisciplinar**, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 52-69, out. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/indisciplinar/article/view/26241>>. Acesso em: 25 out. 2023.

BONA, D. T. **Cosmopoéticas do refúgio**. Desterro: Cultura e Barbárie, 2020.

BREATH made visible official trailer. [S.l.: s.n.], 2012. 1 vídeo (1 minuto 59 segundos). Publicado pelo canal Argot Pictures. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ALAnjEopx4M>>. Acesso em: 25 out. 2023

CLAVEL, J. GINOT, I. Por uma Ecologia da Somática?. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 85-100, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/presenca/article/view/51796>. Acesso em: 10 dez. 2023.

COCCIA, E. **Vida das plantas**: uma metafísica da mistura. Desterro: Cultura e Barbárie, 2018.

CONTATORE, O. A.; MALFITANO, A. P. S.; BARROS, N. F. Os cuidados em saúde: ontologia, hermenêutica e teleologia. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 21, n. 62, p. 553-563, jul.-set. 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0616>>. Acesso em: 25 out. 2023.

CRUTZEN, P. J. Geology of mankind. **Nature**, v. 415, p. 23, jan. 2002. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/415023a>>. Acesso em: 25 out. 2023.

PLANETARY dance with Anna Halprin: Healing through the Ritual of Community Dance. **Earth Alive**, 2020. Disponível em: <www.earthalive.com/Planetary_Dance.html>. Acesso em: 25 out. 2023.

FERDINAND, M. **Decolonial ecology**: thinking from the Caribbean world. Cambridge: Polity Press, 2022.

GALLERY Anna Halprin. **Dazed**, S.d. Disponível em: <<https://www.dazeddigital.com/artsandculture/gallery/18412/0/anna-halprin>>. Acesso em: 25 out. 2023.

GUZZO, M. S. L. Coreografar a crise - uma dramaturgia do contexto presente. **Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 3, n. 48, p. 1-19, set. 2023. DOI: 10.5965/1414573103482023e0103. Disponível em: <<https://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/23944>>. Acesso em: 25 out. 2023.

_____. Práticas artísticas diante do antropoceno: uma experiência de refúgio. **Liinc em revista**, [S.l.], v. 18, n. 1, p. e5908, mai. 2022. Disponível em: <<https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5908>>. Acesso em: 04 set. 2022.

GUZZO, M. S. L.; ALVES, K. R. Dança menor: políticas para criar o corpo e o comum. **Arte da Cena (Art on Stage)**, [S.l.], v. 7, n. 1, p. 376-397, jul. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.5216/ac.v7i1.65652>>. Acesso em: 25 out. 2023.

GUZZO, M.S.L; TADDEI, R. Experiência estética e antropoceno: políticas do comum para os fins de mundo. **Desigualdade & Diversidade**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 72-88, 2019. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/46021/46021.PDF>>. Acesso em: 25 out. 2023.

HALPRIN, Anna. **Returning to health with dance, movement and imagery**. Mendocino: LifeRythm, 2000.

_____. **Moving toward life**: five decades of transformational dance. Middeltown, CT: Wesleyan University Press, 1995.

HALPRIN, A.; KAPLAN, R. **Making dances that matter**: resources for community creativity. Middletown: Wesleyan University Press, 2019.

HALPRIN, D. **The expressive of body in life, art and therapy**: working with movement, metaphor and meaning. Philadelphia: Jessica Kinsley Publishers, 2003.

HARAWAY, D. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. Trad. Susana Dias, Mara Verônica e Ana Godoy. **ClimaCom – Vulnerabilidade** [Online], Campinas, ano 3, n. 5, 2016. Available from: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>. Acesso em: 25 out. 2023.

_____. **Ficar com o problema**: fazer parentes no Chthuluceno. São Paulo: N-1, 2023.

LERNER, S. Genealogies of environmental media: feminist art and the choreographic body in social works. **Media+Environment**, v. 4, n. 1, ago. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1525/001c.35470>. Acesso em: 25 out. 2023.

LEVEY, A. Anna Halprin hits the main stage of the art world. **Australian and New Zealand Journal of Arts Therapy**, v. 12, n. 1, 2017, p. 16-19. Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/62cb6c4f3dd8c74a52efdb24/t/632a83fbfcd87c13d01e40c6/1663730685535/4-ANZJAT-2017-AL.pdf>. Acesso em: 25 out. 2023.

LORDE, A. **Irmã Outsider, ensaios e conferências**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

_____. **A burst of light and other essays**. New York: Ixia Press, 2017.

MANNING, E. **Políticas do Toque**. Trad. Bianca Scliar. São Paulo: Glac, 2023.

_____. Proposições para um movimento menor. Trad. André Arias. **MORINGA: Artes do Espetáculo**, [S.l.], v. 10 n. 2, p. 11-24, jun-dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/moringa/article/view/49811>. Acesso em: 25 out. 2023.

_____. **The Minor Gesture**. Durham, EUA: Duke University Press, 2016.

MARTINS, L. M. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MOL, A. **The logic of care**: health and the problem of patient choice. New York: Routledge, 2008.

MOORE, J. (Ed.). **Anthropocene or capitalocene?**: nature, history, and the crisis of capitalism. PM Press, 2006.

MORIN, E.; KERN, A. B. **Homeland Earth**: a manifesto for the new millenium. Trad. Roger Lapoint. New Hampton: Hapton Press, 1998.

MYERS, N. Ecologias indomáveis: descolonização do sensorium ecológico em um acontecimento natural cultural 10.000 anos de idade. **ClimaCom - Políticas Vegetais**, ano 9, n. 23, 2022. Disponível em:

<<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/ecologiais-indonmaveis/>>. Acesso em 20 abr. 2022.

OJEDA, D. et al. Feminist ecologies. **Annual Review of Environment and Resources**, v. 47, p. 149-171, ago. 2022. Disponível em: <<https://www.annualreviews.org/doi/full/10.1146/annurev-environ-112320-092246>>. Acesso em 20 abr. 2022.

OLIVEIRA, G.; DORDEVIC, J. **Cuidado entre ativistas tecendo redes para a resistência feminista**. Brasília: CFMEA, 2015. Disponível em: <https://br.boell.org/sites/default/files/cuidado_entre_ativistas.pdf>. Acesso em: 25 out. 2023.

PLANETARY Dance. The story. **Planetary Dance**, 2014. Disponível em: <www.planetarydance.org/the-story>. Acesso em 25 out. 2023.

PIGNARRE, P.; STENGERS, I. **La sorcellerie capitaliste**: pratiques de désenvoutement. Paris: La Découverte, 2005.

PUIG DE LA BELLACASA, M. **Matters of care**: speculative ethics in more than human worlds. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.

_____. Nothing comes without its world: thinking with care. **The Sociological Review**, v. 60, n. 2, p. 197-206, mai. 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1111/j.1467-954X.2012.02070.x>>. Acesso em: 25 out. 2023

PUIG DE LA BELLACASA, M. et al. O pensamento disruptivo do cuidado. **Anuário Antropológico**, [S.l.], v. 48, n. 1, p. 108-33, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.4000/aa.10539>>. Acesso em: 25 out. 2023.

PYNE, S. **The Pyrocene**: how we created an age of fire, and what happens. Oakland: University of California Press, 2022.

ROSS, J. **Anna Halprin**: experience as dance. Berkeley: University of California Press, 2007.

RYDER, C. Anna Halprin: demon dancer. **Dazed**, 6/09/2014. Disponível em: <<https://www.dazeddigital.com/artsandculture/article/21473/1/anna-halprin-demon-dancer>>. Acesso em: 25 out. 2023

STENGERS, I. **No tempo das catástrofes**. Trad. Eloisa Araújo. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.

TSING, A. L. O antropoceno mais que humano. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 176-191, fev. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/75732>>. Acesso em: 5 jul. 2023.

_____. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: Mil folhas do IEB, 2019.

TSING, A. L. et al. **Feral Atlas**: the more-than-human Antropocene. Redwood City, CA: Stanford University Press, 2021.